



Senhora do destino?

Lady of destiny?

Marlúcia Mendes da Rocha¹

Renata Gomes²

Resumo

Este artigo versa sobre representações de gênero na telenovela *Senhora do destino* (2004), de Agnaldo Silva. Foram utilizados aportes teóricos da Semiótica da Cultura (LOTMAN, 1996), Teoria da mestiçagem (LAPLANTINE; NOUSS, 2016) e Estudos de Gênero (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 2003). Entende-se que a obra representa pontos de vista da Rede Globo, apoiadora de grupos conservadores e misóginos, responsáveis pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em oposição às conquistas sociais e de gênero propiciadas pelo PT (Partido dos Trabalhadores) nos 14 anos sob o comando do Brasil. Esse estudo contribuiu para desvendar amarras simbólicas da sociedade brasileira, como a influência midiática na construção do imaginário social de gênero, culminando no afastamento dessa presidenta. Além disso, demonstrou a importância da politização das artes discursivas para romper com a difícil tarefa das mulheres em assenhorem-se dos seus destinos e para contribuir com a sobrevivência física e social de grupos subalternizados.

Palavras-chave: Gênero. Telenovela. Rede Globo. Direitos.

Abstract

This article talks about gender representations in the soap opera *Lady of Destiny* (2004), by Agnaldo Silva. Theoretical contributions of Culture's Semiotics (LOTMAN, 1996), Miscegenation's theory (LAPLANTINE; NOUSS, 2016) and Gender studies (BEAUVOIR, 1970) and (BUTLER, 2003) were used. It is understood that the work represents Globo's Network viewpoint, supporter of conservative and misogynist groups, responsible for the impeachment of President Dilma Rousseff in opposition to the social and gender achievements provided by the Workers' Party for 14 years at the helm of Brazil. This study contributed to unveil symbolic bonds of Brazilian society, as the media's influence in the construction of the social's imaginary of gender, culminating in the removal of this presidente. It also demonstrated the importance of the politicization of the discursive arts in order to break with women's difficult task of mastering their destiny and to contribute to the physical and social survival of subordinated groups.

Keywords: Gender. Soap opera. Rede Globo. Rights.

1 Doutora em Comunicação e Semiótica PUC/SP; Mestre em Artes Cênicas ECA/USP; Licenciada em Letras PUC/RJ; Profa. do PPGLetras e do do curso de Comunicação Social - Rádio e TV da Universidade Estadual de Santa Cruz. Email: malu.mm@gmail.com.

2 Mestre em Linguagens e Representações e Licenciada em Letras pela UESC/BA; Psicóloga UFMG; Professora da rede estadual de educação da Bahia e trabalha com elaboração de material didático de Linguagens e Língua Portuguesa. Email: renata.melogomes@gmail.com.

Introdução

Os Aparelhos Repressores (ARE) e os Ideológicos de Estado (AIE) são fundamentais para a manutenção do poder das classes dominantes (ALTHUSSER, 1980). Esses últimos realizam pactos com as elites e se beneficiam, recebendo contrapartidas econômicas, políticas e sociais. No Brasil, a manipulação midiática exercida prioritariamente pela Rede Globo é parte desse acordo que ocorre desde a fundação da emissora, na década de 1960, durante os governos militares. Nessa época, construiu-se uma parceria em que o Estado contribuía com infraestrutura e as Organizações Globo funcionavam como porta-vozes dos militares (SANTOS; CAPARELLI, 2005). Dessa forma, em troca de benefícios, esses governos instrumentalizaram a emissora, originada a partir de acordo – vedado pela Constituição Federal – com uma empresa estrangeira: o grupo *Time-Life* dos EUA.

Atualmente, diversas situações têm confirmado essa retroalimentação entre diferentes governos brasileiros e a TV Globo, como quando a emissora ideologiza sua programação na tentativa de contribuir com a manutenção de poderes governamentais e é beneficiada por eles, mantendo seu oligopólio sobre a transmissão de informações para o país, segundo apontamentos de Brittos e Bolaño (2005). A incontestável necessidade de regulação da radiodifusão brasileira, que passou por diversas tentativas de normatização malsucedidas (BRITTOS; BOLAÑO, 2005), contribui para aumentar o prestígio das Organizações Globo, participantes ativas de momentos determinantes da política nacional.

De acordo com Lima (2005), além de legitimar as ações dos governos militares, a Rede Globo interferiu nas eleições para governador do Rio de Janeiro, em 1982; boicotou, em 1984, as campanhas que defendiam eleições diretas; interferiu diretamente, em 1988, na escolha do ministro da Fazenda do presidente José Sarney; reeditou o último debate entre os candidatos à Presidência da República, em 1994, favorecendo a entrada de Fernando Collor de Melo, entre outras ações significativas que foram determinantes para a construção da política nacional.

Dessa forma, buscaremos desvendar as amarras simbólicas de gênero que compõem a sociedade brasileira e o papel ideológico determinante da Rede Globo no sentido de contribuir para o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, com o intuito de substituí-la por Michel Temer e restituir a organização político-ideológica e de gênero brasileira almejada pelas elites. Nesse sentido, realizamos estudos acerca da

telenovela (TN) da Rede Globo, *Senhora do Destino* (2004), reapresentada nesse contexto político brasileiro. Essa escolha se ancora na hipótese de que a reapresentação da telenovela ocorreu para atender a interesses dominantes. Assim, a partir de pesquisa sobre a obra televisiva, buscaremos realizar uma leitura da realidade desse momento histórico.

Em nossos estudos, conceituaremos a expressão “senhora do destino”, a partir da análise comparativa da protagonista e da antagonista na trama televisiva. Assim, pressupomos que será possível inferir sobre o papel da Rede Globo na construção ideológica da sociedade em consonância com os valores dominantes. Para a realização deste trabalho, serão utilizados os estudos de Lotman (1996) sobre Semiótica da Cultura, de Laplantine e Nouss (2016) sobre Mestiçagem, de Badinter (1985) e Butler (2012) sobre Gênero, entre outros. Nesse sentido, faz-se necessário, inicialmente, contextualizar o momento político em que a obra foi reapresentada.

Contextualização histórica

Em 2017, no momento em que a (TN) *Senhora do destino* era reapresentada pela Rede Globo, Dilma Rousseff – ex-presidenta da república pelo Partido dos trabalhadores (PT) – era difamada e perseguida por um Congresso composto, majoritariamente, por opositores a ela. Consequência disso foi a autorização da abertura do processo de *impeachment* pelo presidente da Casa, Eduardo Cunha – deputado federal pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) do Rio de Janeiro à época, membro da Igreja Assembleia de Deus e liderança da bancada evangélica no Congresso Nacional – e que, atualmente, se encontra preso pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Essa intensa oposição à ex-presidenta iniciou logo após o início de seu segundo mandato, quando venceu Aécio Neves, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), partido integrante de base aliada histórica com o PMDB. Naquele momento, a mídia nacional veiculava informações coincidentes às ideias dos grupos dominantes e conservadores, que aspiravam pela saída da então presidenta para substituí-la por Michel Temer, seu vice-presidente, com ideias semelhantes às da elite brasileira. Concomitantemente, analisando o processo de *impeachment* contra a então presidenta Dilma Rousseff, iniciado em 2013 e com desfecho em 2016, percebe-se seu afastamento dissociado às alegações de inobservância do Artigo 36 da Lei de Responsabilidade Fiscal,

proibição de um ente da federação ser beneficiado por empréstimo de instituição financeira estatal cujo funcionamento estava sob seu controle. Ao contrário, é possível constatar relação com interesses escusos, diferentemente das justificativas alegadas, percebendo-se o *impeachment* intimamente relacionado a outras questões, como um alinhamento de forças conservadoras em contexto nacional e internacional (GOMES, 2018).

As medidas implementadas por Michel Temer atestaram os indícios iniciais: buscava-se o retorno do Estado neoliberal e um modelo de sociedade que mantivesse os privilégios de uma determinada classe. O favoritismo de Dilma no pleito de 2010 também significava uma transformação substancial para a história das mulheres e, particularmente, para o perfil presidencial do Brasil, até então exclusivamente dominado por pessoas do sexo masculino. Assim, tensões intensificaram-se, relacionadas a avanços e conquistas enfraquecedores de um Estado marcado por fortes traços patriarcais, já que as instituições brasileiras, pretensamente democráticas, sempre foram, em sua maioria, predominantemente masculinas, numa cultura com poder majoritariamente exercido por homens e utilizado, essencialmente, para atender às demandas desse gênero, de acordo com Rubin e Argolo (2018).

Alguns fatos podem ser levantados, comprovando essas tendências conservadoras em nível nacional e mundial:

- o então deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro, em 2003, disse à deputada federal pelo Rio Grande do Sul, Maria do Rosário, no corredor da Câmara, não a estuprar por ela não merecer, e repetiu a mesma fala em dezembro de 2014, em plenário³;
- a imprensa internacional repercute o machismo do governo Temer, já em exercício, em seu discurso em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, ao citar a importância da mulher para a organização da casa⁴ ou sua contribuição para a economia doméstica⁵;
- o corte de verbas de 61% para a Secretaria de Mulheres, pelo governo Temer, entre 2016 e 2017, e a descontinuidade da maior parte das políticas destinadas às mulheres que tiveram início nas gestões de Lula e Dilma⁶;

3 Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/bolsonaro-vira-reu-por-falar-que-maria-do-rosario-nao-merece-ser-estuprada.html>, <https://www.youtube.com/watch?v=yRV98Im5zRs>, <https://www.youtube.com/watch?v=bVG-qdZiZQ4>. Acesso em: 20 jun. 2018.

4 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/03/10/imprensa-mundial-destaca-machismo-de-temer> e <https://www.youtube.com/watch?v=KD6HMZLBHRw>. Acesso em: 20 jun. 2018.

5 Idem.

6 Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/governo-temer-corta-61-da-verba-para-atendimento-de-mulheres-violentadas> e <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/04/temer-reduz-e-m>

- capa e fotos na revista *Isto é* insinuam descontrole e destemperança da então presidenta: é possível perceber que características associadas a um possível “ser feminino”, atribuído pelo patriarcado, costumam ser usadas como armas para desqualificação de mulheres em diversas situações, como salienta Gomes (2018, p. 155):

Esse mesmo sistema de dominação masculina, quando quer desclassificar especialmente as mulheres em lugares de poder e decisão associam a sua forma de ser e de agir às questões da sexualidade, à suposta sensibilidade feminina, ao fato de ser ou não ser mãe, ter ou não um companheiro, ficar nervosa por estar ‘naqueles dias’ ou na fase da menopausa.

A imagem a seguir reforça a apropriação, pela mídia, desses instrumentos de desqualificação feminina que associam mulheres a características naturalizadas e reforçam pensamentos que defendem uma inabilidade das mulheres para exercer atividades consideradas masculinas:

Imagem 1 – Capa da revista *Isto é*



Fonte: <http://www.terceirocaderno.com.br/2016/08/istoe-condenada-publicar-resposta-de.html>.

Acesso em: 20 jun. 2018.

- capas de revistas enaltecem características femininas questionadas historicamente pelo movimento feminista⁷;

mais-da- metade-verbas-para-politicas-publicas-as-mulheres. Acesso em: 20/06/2018. E em RUBIN, L.; ARGOLLO, F. “PRECISAMOS FALAR DE GÊNERO”. In. O golpe na perspectiva de gênero. RUBIN, L.; ARGOLLO, F. (orgs.). Salvador: Edufba, 2018.

⁷ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Imagem 2 – Imagem da revista *Veja*



Fonte: <https://www.opopular.com.br/editorias/magazine/bela-recatada-e-do-lar-entenda-a-frase-que-invadiu-a-internet-1.1072697>. Acesso em: 20 jun. 2018.

- conturbada vinda da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em novembro de 2017, marcada por violências e resistência à discussão relacionada à questão de gênero. Manifestantes chegam a atear fogo em imagem da intelectual – sob gritos de “Queimem a bruxa!” – e perseguem a estudiosa e sua companheira no aeroporto;

Imagem 3 – Foto da manifestação contra Judith Butler



Fonte: https://odia.ig.com.br/_conteudo/brasil/2017-11-10/filosofa-judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas.html. Acesso em: 21 jun. 2018.

- venda, em meados do mês de junho de 2015, pelo site *Mercadolivre*, de adesivos com explícita apologia ao estupro com a imagem da ainda presidenta na época, Dilma

Rousseff, para serem colados nos tanques de gasolina dos carros⁸;

Imagem 4 - Adesivo vendido pelo Mercado livre



Fonte: <https://www.clickpb.com.br/brasil/governo-faz-denuncia-ao-mp-sobre-adesivo-com-ofensa-a-dilma-188469.html>.

Acesso em: 20 jun. 2018.

- eleição presidencial dos Estados Unidos elege Donald Trump - presidente com fortes características misóginas⁹;
- o jornalismo internacional reconhece traços machistas relacionados ao *impeachment* de Dilma Rousseff¹⁰;
- cultos evangélicos realizados em gabinetes públicos, após o *impeachment* de Dilma Rousseff ;
- Michel Temer tenta apagar a imagem de Dilma Rousseff e da questão de gênero defendida por ela quando do uso do termo “presidenta” (RUBIN; ARGOLO, 2018);
- foto da posse do presidente Michel Temer, em agosto de 2016, marca presença massiva de homens e brancos, imagem, inclusive, estampada em diversas mídias.

8 Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html>. Acesso em: 20 fev. 2019.

9 Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/gorda-porca-os-insultos-machistas-de-donald-trump>. Acesso em: 20 fev. 2018.

10 Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160513_temer_imprensa_internacional_repercute_fd. Acesso em: 20 jun. 2018.

Imagem 5 - Foto do discurso de posse do presidente Temer



Fonte: <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2016/05/dilma-e-afastada-confira-repercussao-e-proximos-passos-do-impeachment>.

Acesso em: 21 jun. 2018.

Para compreendermos melhor esse momento histórico no que tange às questões de gênero, faz-se necessário retomar Butler (2012), sinalizando o caráter discursivo de sexo e gênero. De acordo com ela:

O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou 'um sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo'. (BUTLER, 2012, p. 25)

No entanto, as regras e leis que organizam a sociedade se embasam num discurso essencialista em que o sexo trata da realidade natural e o gênero é a representação social do primeiro. Essa ideologia, de acordo com a mesma autora, mantém as mulheres numa posição subordinada ao homem e a sociedade organizada de maneira a atender as demandas e a manutenção do poder de determinados grupos.

Mesmo com essa constatação, é possível observar que diversas mulheres participaram do processo de *impeachment*, contribuindo com uma organização social que continuasse privilegiando homens. Janaína Paschoal, atual deputada estadual do estado de São Paulo pelo PSL (Partido Social Liberal), por exemplo, foi uma das autoras da denúncia de *impeachment* contra Dilma Rousseff¹¹. À época, a jurista alegava que o impedimento da ex-presidenta estava relacionado à Lei de Responsabilidade Fiscal. No entanto, em postagem de setembro de 2019, em seu *Twitter*, afirmou: "Alguém acha que Dilma caiu por um problema contábil? [...]"¹². Isso demonstra sua ciência de que outras

11 Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/onde-os-personagens-do-impeachment-de-dilma-estavam-em-1992>. Acesso em: 15 fev. 2020.

12 Disponível em: <https://twitter.com/JanainaDoBrasil/status/1172814003015471106>. Acesso em: 15 fev.

questões levaram ao afastamento da ex-presidenta Dilma, que não os defendidos, inclusive por Paschoal à época.

Outra personagem marcante nesse processo foi a então deputada federal de Minas Gerais pelo PSD (Partido Social Democrático), Raquel Muniz. Ao declarar seu voto a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, homenageou seu marido, Ruy Adriano Borges Muniz, à época prefeito de Montes Claros-MG pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro): “[...] O meu voto é ‘pra’ dizer que o Brasil tem jeito e o prefeito de Montes Claros mostra isso ‘pra’ todos nós com a sua gestão [...]”¹³. No entanto, aproximadamente 12 horas após a homenagem, Ruy Muniz foi preso preventivamente pela Polícia federal, por utilizar meios fraudulentos para favorecer seu próprio hospital, o Hospital das Clínicas Mario Ribeiro da Silveira¹⁴. Além disso, os bens da deputada tiveram um crescimento de 564% entre 2014 e 2018¹⁵, ampliação que gera desconfianças se observadas as transações econômicas realizadas por ela.

Assim, se observarmos apenas esses dois casos dentre tantos outros, é possível perceber que algumas mulheres apoiaram o *impeachment* de uma mulher sob alegações contraditórias, se consideradas as suas falas e a realidade em que viviam. Além disso, apoiaram um movimento que estava estritamente relacionado à retomada do poder por grupos historicamente dominantes, como os homens, ainda que isso significasse coadunar com o enfraquecimento do seu próprio gênero, já tão desprestigiado socialmente e, principalmente, politicamente.

Considerando tal concepção, quando mulheres ganham espaço político e passam a ocupar cargos de poder, elas questionam todo um arcabouço de valores, afinal vivemos em um país com “Uma cultura que não tem pudor de cultivar quaisquer atos arbitrários e conservadores em favor da dominação masculina” (RUBIN; ARGOLO, 2018, p.10) e, conseqüentemente, toda uma organização que mantém sistemas de dominação de classe e gênero, afinal, o corpo feminino é controlado por homens, posição que deve ser mantida. Obviamente, as questões de gênero poderiam ser drasticamente transformadas quando uma mulher é eleita para assumir o cargo mais alto do executivo nacional, como afirmou

2020.

13 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h0CxAuTcpgE>. 24-31 seg. Acesso em: 15 fev. 2020.

14 Disponível em: http://esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=5994. Acesso em: 15 fev. 2020.

15 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/26/deputada-que-elogiou-marido-prefeito-no-impeachment-amplia-bens-em-564.htm>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Dilma Rousseff em seu discurso de posse, em 2011 (RUBIN; ARGOLO, 2018). No entanto, a tamanha violência exercida por grupos dominadores chega a fazer com as mulheres desprivilegiadas ajam contra suas próprias conquistas.

Essas mudanças foram percebidas em outras situações: houve conquistas significativas de gênero durante os governos petistas. Como exemplos, temos avanços importantes quanto à Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006); mudanças nas Normas Técnicas do Ministério da Saúde para garantia do acesso das mulheres ao aborto nos casos previstos por lei; Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 72/2013 - PEC das domésticas, regulamentada em junho de 2015, equalizando o direito das trabalhadoras domésticas ao de outros trabalhadores (no Brasil, 98% das domésticas remuneradas são mulheres); e sanção da Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/2015) em março de 2015 (BIROLI, 2018). Nesse sentido, os avanços na conquista de direitos das mulheres estão relacionados à perda de poder dos dominantes e esses avanços devem ser eliminados. Para isso, homens se unem para realizar diferentes manobras, e parte considerável das mulheres aderem a movimentos que, ainda que contraditoriamente, contribuem para o enfraquecimento social do seu gênero.

Isto posto, considerando que um dos principais suportes disseminadores e apoiadores dessa onda conservadora e ideológica, visando conceder e manter grupos dominantes no poder, são os AIE, dentre eles, os meios de comunicação, que têm, no Brasil, como seu principal expoente, as Organizações Globo, é possível inferir que essa emissora não pouparia esforços para atender aos seus interesses e aos de seus pares. Isso ocorre, seja rerepresentando a telenovela *Senhora do destino* com audiência de mais de 50 pontos em sua primeira exibição - uma das mais assistidas do Brasil - ou persuadindo seus telespectadores, a partir da utilização de outros meios.

Análise da telenovela

Ao discorrer sobre o gênero TN, não podemos nos furtar a um dos principais conceitos tratados por Lotman (1996): o de fronteira semiótica. Espaço em que diferentes culturas e símbolos se encontram, possibilitando a construção de formas artísticas multiculturais e plurilíngues, como é o caso da telenovela, a fronteira semiótica representa espaço cultural de encontros de diferentes linguagens e culturas. Nessa riqueza simbólica,

se criam construtos artísticos em que seus elementos não devem ser analisados separadamente, sob pena de que sejam compreendidos erroneamente como um somatório de partes que não necessariamente estarão assim dispostos para a composição da totalidade artística.

Nesse sentido, as obras, nesse espaço, devem ser investigadas de maneira que sejam abarcados os diferentes textos que as compõem, considerando-as como um roteiro hipertextual (ROCHA, 2009). Por serem multideterminadas, é necessário reconhecer que tratam de uma arte mestiça, e, nesse sentido, “[...] espaço de todos os possíveis [...] enquanto encruzilhada de trocas e encontros [...]” (LAPLANTINE e NOUSS, 2016, p.54). Assim, é indubitável a necessidade de compreender a telenovela considerando-a um todo, não sendo possível atingir seu significado se compartimentada em suas linguagens e culturas composicionais (CALZA, 1996).

Além disso, ainda que se saiba do papel incontestado de entreter e informar, é inegável o significado influenciador que os veículos de comunicação de massa e, em especial, as TNs, possuem. Nesse sentido, tendo sido inaugurada em 1965, a Central Globo de Produção tornou-se, em 1969, a rede de TV que passou a dominar o mercado influenciador nacional, tendo a TN como principal expoente em sua grade de programação. Assim, é inegável que, em determinado nível, a mídia em geral, e a Rede Globo, em especial, devido à sua grande audiência, tenha forte poder de persuasão sobre o público, inspirando valores, modelos e posicionamentos sociais e políticos. Afinal, ao confundir ficção e realidade através do jogo de imagens oferecido pela TV, é mais simples convencer o telespectador de que sua vida deve se assemelhar à da tela.

Recatada e do lar

A telenovela *Senhora do destino* é de autoria de Aguinaldo Silva e tem como diretor-geral, Wolf Maya. Sua primeira exibição foi de junho de 2004 a março de 2005¹⁶, tendo sido reapresentada no *Vale a pena ver de novo*, programação de reprises de telenovelas da Rede Globo, em 2009, e de 13 de março a 8 de dezembro de 2017¹⁷. Ambientada na década de 1960, no sertão de Pernambuco e, em seguida, no final do século XX, na cidade do Rio de

16 Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/senhora-do-destino.htm>. Acesso em: 21 fev. 2019.

17 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_XlbnPMWAGM.htm. Acesso em: 21 fev. 2019.

Janeiro, foi considerada um dos maiores fenômenos de audiência do gênero¹⁸, mantendo um elevado índice de audiência também em suas reprises¹⁹.

Apresentada em 221 capítulos em sua primeira exibição, a telenovela foi dividida em duas fases. A inicial é contextualizada no final do ano de 1968 e exibida nos quatro primeiros capítulos. Ocupa parte pouco significativa numericamente; no entanto, nesse momento, são delineadas características que singularizam as personagens principais da história, dentre elas, a protagonista Maria do Carmo Ferreira da Silva e sua rival, Maria de Nazaré Esteves Tedesco – interpretadas inicialmente por Carolina Dieckmann e Adriana Esteves e, na segunda parte, por Suzana Vieira e Renata Sorrah, respectivamente – personagens em que focaremos nossas análises.

Maria do Carmo vivia em Belém de São Francisco, interior de Pernambuco, com seus cinco filhos. Abandonada pelo marido e passando por dificuldades econômicas, decidiu ir para o Rio de Janeiro, onde morava seu irmão Sebastião (Luiz Carlos Vasconcelos). Ao chegar à cidade, quando é decretado o AI-5 (Ato Institucional número 5), uma série de situações, que vão do desencontro do seu irmão ao roubo de sua filha mais nova, são vivenciadas pela protagonista.

Na primeira fase, Nazaré Tedesco, a antagonista, é uma prostituta que sonha em mudar de vida ao se casar com o amante rico, José Carlos Tedesco, interpretado, inicialmente, por Tarcísio Filho e, num segundo momento, por Tarcísio Meira. Fingindo ser enfermeira, simula uma gravidez, mas, por ser estéril, furta a filha daquela que, por isso, se tornará sua rival. Na segunda parte da trama, já tendo se casado com o amante, Nazaré demarca-se como uma mulher que faz todos os tipos de maldades e chantagens para conseguir o que quer.

Logo de início, a apresentação da protagonista focaliza Maria do Carmo com seus filhos: as imagens sinalizam força, tradição e fortes traços maternos, marcas do caráter da protagonista. Mãe zelosa que vai da doçura à justeza das ações, as cenas deixam incontestável tratar-se de mulher de valores considerados nobres pela sociedade. Percebe-se seu cuidado e honestidade, quando se mantém atenta aos passos dos filhos e pune desvios de caráter do mais velho, Reginaldo, que se aventura em furtar um biscoito em

18 Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/maior-ibope-da-globo-desde-1996-senhora-do-destino-faz-dez-anos-3925>. Acesso em: 07 fev. 2019.

19 Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/final-de-senhora-destino-surpreende-na-audiencia-e-registra-maior-indice-desde-2011/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

uma das vendas. A relação da protagonista com Reginaldo é marcada pelos desvios de conduta do filho e pelas infrutíferas tentativas da mãe em tentar convencê-lo a trilhar um caminho de valores considerados éticos socialmente. A inútil luta travada pela mãe só chega ao final após a morte trágica do herdeiro ao ser desmascarado por ela publicamente. As relações maternas da protagonista configuram-se como os principais eixos temáticos que marcam a personagem. Os vínculos entre filhos e mãe são sublinhados durante toda a trama, e Maria do Carmo busca construir uma família baseada no respeito, amor e cuidado.

É possível observar que uma imagem naturalizada de maternidade é reforçada. Descreve-se uma mãe amável como se tal posicionamento fosse reflexo de sua essência destinada à maternidade. No entanto, sabemos, como nos afirma Badinter (1985), que o amor materno é uma construção social. Imagem emblemática que demonstra essa atmosfera familiar criada em torno da protagonista pode ser vista no segundo capítulo, quando a mãe abraça seus filhos, protegendo-os do confronto entre policiais e opositores ao regime militar vigente no Brasil. Ao tentarmos desvendar a produção imagética da cena, somos direcionados a Martin (2011). Capturados em plano geral, a imagem traz forte simbolismo psicológico, ao apequenar o núcleo familiar de Maria do Carmo, dando a sensação de serem devorados pelo mundo e pela situação violenta brasileira na qual se veem inseridos.

Tal estratégia de filmagem dá “uma tonalidade psicológica bastante pessimista, uma ambivalência moral um tanto negativa, mas às vezes também uma dominante dramática de exaltação, lírica ou mesmo épica” (MARTIN, 2011, p.40). Tem-se conotada a fragilidade familiar em meio ao caos urbano ao mesmo tempo em que são exaltados valores de união e proteção. A estratégia de colocar apenas a família colorida cria um efeito que permite realizar leitura intertextual com uma cena significativa do filme *A Lista de Schindler* (1993), dirigido por Steven Spielberg e escrito por Steven Zaillian, obra baseada no romance *Schindler's Ark* escrito por Thomas Keneally.

Imagem 6 - Cena de Maria do Carmo protegendo os filhos na telenovela *Senhora do destino*



Fonte: *Senhora do destino*, capítulo 2, 18 min. e 54 seg. Disponível em: <https://www.dailymotion.com>. Acesso em: 10 jul. 2018.

O filme narra a história de Oskar Schindler, empresário alemão que salvou a vida de milhares de judeus, empregando-os em sua fábrica durante o Holocausto. Praticamente todo construído em preto e branco, efeito escolhido pelo autor para dar a sensação de documentário à obra, ele traz a imagem de uma menina de vestido vermelho, dentre as poucas partes coloridas da película. A escolha estética, segundo o próprio diretor, realçaria a criança entre os demais, causando uma quebra de expectativa e construindo, a partir do uso da cor, uma atmosfera de esperança em meio ao momento caótico nazista.

Imagem 7 - Cena do filme *A lista de Schindler* enfatizando criança vestida de vermelho numa cena em preto e branco



Fonte: Adaptada de http://obviousmag.org/palavra_a_paquelavra/2015/o-que-nos-diz-a-menina-do-casaquinho-vermelho.html. Acesso em: 13 jul. 2018.

No diálogo travado com a trama de Silva, revela-se que, no caos do contexto ditatorial brasileiro, a família exemplar de Maria do Carmo traria esperança de dias melhores para os telespectadores. As cores, enfatizando o grupo familiar, possibilitam perceber que uma família de valores nobres pode vencer as adversidades e sobreviver sob a égide da unidade, do cuidado e do amor. Tal análise evidencia as características da mãe forte e lutadora, alicerce desse núcleo familiar.

Vale destacar outra intertextualidade construída na trama que contribui para a construção da análise da protagonista. Trata-se do momento em que Maria do Carmo encontra um local abandonado, enquanto foge com os filhos da confusão instaurada no país, e resolve entrar para descansar e alimentá-los.

Imagem 8 - Maria do Carmo em local abandonado com os filhos na telenovela



Fonte: *Senhora do destino*, capítulo 2, 29 min. e 57 seg. Disponível em: <https://www.dailymotion.com>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Observamos, na imagem anterior, algo semelhante ao que ocorre no filme *A vida é bela* (1997), dirigido por Roberto Benigni: a mãe cria uma atmosfera de tranquilidade em meio às turbulências políticas e sociais brasileiras, estabelecendo momentos de ternura e proteção familiar. Nesse momento, a intertextualidade com o filme italiano vencedor de três prêmios Oscar pode ser notada. A obra cinematográfica conta a história do judeu Guido, levado para o campo de concentração com seu filho Giosué na Segunda Guerra Mundial. Ele usa o bom humor e a astúcia para manter a criança afastada do sofrimento do momento histórico, de maneira análoga à cena citada da obra de Aguinaldo Silva. Alheios aos momentos cruciais de autoritarismo dos governos militares no Brasil, Maria do Carmo cria uma atmosfera de cuidados maternos e segurança para seus filhos numa

casa abandonada na cidade do Rio de Janeiro.

Essa fidelidade aos filhos e à família também é evidenciada na busca incansável da protagonista pela filha que foi levada por Nazaré Tedesco no segundo capítulo da TN. Durante toda a história, Maria do Carmo procura a menina, afirmando nunca desistir de encontrá-la, o que ocorre em determinado momento da trama. Pouco antes desse reencontro, corroborando com a naturalização da maternidade feminina, temos a cena em que Maria do Carmo liga para o restaurante onde Lindalva (Carolina Dieckmann), sua filha, trabalha. Sem que saibam estar, mãe e filha, falando ao telefone, a protagonista fica saudosista pela perda da filha com o intuito de criar uma sensação de transcendência para o telespectador. Ocorre a tentativa de essencializar a relação maternal, a contrapelo do percebido em Badinter (1985) ao defender que “O amor materno é apenas um sentimento humano” (p.22) que, como qualquer outro, é construído.

Os pares românticos de Maria do Carmo, Dirceu e Giovanni Improtta complementam esse eixo norteador: valores patriarcais que associam homens à existência, ao mundo das ideias e à transcendência são marcas deles. O primeiro chega a viajar a trabalho, deixando a amada, e o segundo tem parte significativa do seu tempo dedicada principalmente à escola de samba e aos negócios. Importante ressaltar que os valores ligados à essência animalizam a mulher, tendendo a inferiorizá-la e os relacionados à transcendência enaltecem o homem, associando-o ao avanço da humanidade (VALCÁRCEL, 2012).

Paralelamente às características da protagonista, sua rival, Nazaré, representa características femininas desvalorizadas pela sociedade. Prostituta que trabalha no bordel de Madame Berthe (Tônia Carrero), ela usa diferentes artifícios para conquistar o amante, José Carlos Tedesco. Casado, ele foi enganado por Nazaré, que forjou uma gravidez para convencê-lo a se separar da esposa. É possível perceber que Nazaré Tedesco é a simetria opostamente perfeita de Maria do Carmo: maltrata a enteada Claudinha, interpretada por Leandra Leal, chegando a comemorar quando ela tropeça e cai das escadas da casa. Aliás, a emblemática escada é uma das marcas da vilã que, juntamente com a tesoura, demonstram sua frieza ao matar personagens que dificultassem o alcance de seus objetivos.

Em relação à sexualidade, protagonista e antagonista também se complementam enquanto par diametralmente oposto. Enquanto Maria do Carmo encarna características

valorizadas pela sociedade, sua oponente personifica valores sociais há muito rechaçados. A primeira é associada ao lar e à família, valorizados socialmente, enquanto a outra à anormalidade, sendo perceptível a associação entre sexualidade, reprodução e valores patriarcais, em oposição ao prazer. Assim, enquanto a protagonista encarna, através da manifestação da sua sexualidade, os valores estabelecidos, a outra os subverte. Exemplo disso pode ser percebido em diversas cenas em que Maria do Carmo coloca como prioridade as questões familiares em detrimento às questões afetivo-sexuais.

Quando a protagonista se envolve afetivamente com Giovanni Improtta, interpretado por José Wilker, verificamos construções simbólicas semelhantes. O romance tem como desfecho um casamento convencional, com direito às marcas emblemáticas do uso do véu e da grinalda pela noiva.

Imagem 9 - Casamento de Maria do Carmo e Giovanni Improtta na telenovela



Fonte: *Senhora do destino*, capítulo 237, 22 min. e 50 seg. Disponível em: <https://www.dailymotion.com>. Acesso em: 10 jul. 2018.

Em contrapartida, a antagonista personifica valores considerados menos nobres. Nos primeiros capítulos da trama, quando, supostamente, tinha acabado de dar à luz um bebê, ela faz questão de se relacionar sexualmente com José Carlos para convencê-lo a abandonar esposa e filha. Assim, percebemos como a antagonista é caracterizada em oposição à Maria do Carmo e como o sexo é usado por Nazaré como “moeda de troca” para conquistar o que deseja.

A partir dessas constatações, pode-se inferir que a protagonista é construída sob a égide de valores naturalizados pela heteronormatividade dominante, dialogando com sua faceta maternal e biologicista. A opção da emissora por construir a personagem dentro dos

padrões binários parece ir ao encontro do defendido por Butler, quando afirma que essencializar as relações entre sexo/gênero é uma maneira de reafirmar uma construção ideológica e social, que visa manter a estruturação vigente (BUTLER, 1990). Assim, acreditamos que a construção da personagem tem caráter ideológico, no sentido de deturpar a realidade, tomando as ideias da classe dominante como verdades universais, de acordo com Chauí (2004).

Diante das investigações realizadas sobre protagonista e antagonista, é possível sistematizar o que vem a ser considerado como “assenhorar-se do destino” de acordo com a narrativa televisiva, sendo perceptível se tratar de enquadrar-se quase completamente aos valores patriarcais, afinal Maria do Carmo é uma personagem construída sob a égide da imanência. Associada, predominantemente, à maternidade e às relações familiares tradicionais, ela apenas se opõe aos valores impostos pelo patriarcado quando não se vincula a um homem para garantir o sustento da sua família. No entanto, é inegável que as demais características que a compõem apenas ratificam construções naturalizadas do *ser mulher*.

O ato de assenhorar-se de si e a politização das letras

No presente trabalho, fizemos um breve levantamento do contexto em que ocorreu o processo de *impeachment* de ex-presidenta Dilma Rousseff. Com isso, foi possível sustentar a hipótese de que ele estava associado e questões político-ideológicas e de gênero que permeiam a realidade nacional e internacional. Percebemos, com isso, que vivemos um momento em que grupos brasileiros historicamente dominantes passaram um período de perdas e tiveram diminuídas algumas de suas regalias, enquanto classes e gêneros tradicionalmente desfavorecidos obtiveram algumas conquistas.

Insatisfeitos por perderem a soberania, esses grupos se organizaram para retomar o poder, realizando manobras políticas que possibilitaram o *impeachment* de Dilma Rousseff. Para tornar real o objetivo almejado e poder reaver a posição de dominação, esses grupos associaram-se à mídia nacional – tendo a Rede Globo como seu principal expoente. Essa emissora utilizou instrumentos para intervir na realidade no sentido de auxiliar as elites dominantes na retomada da soberania, construindo uma grade de programação que, de maneira simbólica, veiculou como positivos ou negativos os perfis de pessoas e categorias

na tentativa de estimular o ganho ou a perda de espaço na sociedade, respectivamente.

A mídia passou a afugentar mulheres que ganhavam oportunidades para alcançar posições tradicionalmente ocupadas por homens em nossa sociedade patriarcal. Em contrapartida, mulheres que permaneciam em espaços nos quais esses grupos gostariam que se mantivessem, eram estimuladas. Isso ocorria através de revistas e jornais, que veiculavam mensagens de que as mulheres nasceram para ocupar determinadas posições, ou através da veiculação de personagens de TNs que sinalizavam que as “verdadeiras mulheres” eram aquelas que se mantinham no lugar de segundo dos pares, subordinadas aos homens e à imanência. Nesse sentido, desejava-se estimular, no imaginário social, a ideia de que as mulheres que realmente seriam senhoras dos seus destinos fossem aquelas que se dedicavam à família e à maternidade. Para isso, a TV Globo veiculou uma TN que representava como *senhora do seu destino* uma mulher que, ainda que não se enquadrasse completamente ao patriarcado, era uma significativa representante dele.

No entanto, de acordo com o modelo feminista, senhoras do destino são as mulheres que não se ajustam aos valores padrões do patriarcado em oposição ao que foi personificado por Maria do Carmo. Quem questiona barreiras sociais e vive uma vida direcionada ao rompimento das amarras simbólicas, buscando a transcendência, é muito mais a ex-presidenta destituída do seu cargo e que defendia, durante seus mandatos, políticas de emancipação e empoderamento feminino. Até mesmo Nazaré Tedesco, a antagonista da trama, se assenhorou mais do seu destino, se considerarmos que viveu uma vida que não se enquadrava aos padrões preestabelecidos pelo patriarcado.

No entanto, é inevitável percebermos que, apesar de entre Maria do Carmo, Nazaré Tedesco e Dilma Rousseff, a primeira poder ser considerada a que menos se assenhorou do seu destino, é inevitável lançarmos o questionamento da posição ocupada pela Rede Globo em todo esse cenário. Foi essa emissora que rerepresentou uma telenovela, trazendo valores que queria estimular, coadunada com forças dominantes. Não seria a Rede Globo, então, no campo simbólico, a verdadeira Senhora do destino?

Além disso, é possível observar que são muitos os obstáculos que devem ser superados para que as mulheres assenhem-se de si e não caiam nas ciladas do patriarcado. Os exemplos de Janaína Paschoal e Raquel Muniz apenas reforçam essa constatação: duas mulheres que lutaram contra um governo que contribuiu com o empoderamento feminino. Dessa forma, nota-se que romper com as amarras do

patriarcado é tarefa árdua para as mulheres, afinal lutar por questões que não são as estimuladas por uma sociedade dominada por homens é trilhar por um caminho sinuoso e contraditório.

A construção simbólica dominante na sociedade patriarcal sinaliza para a importância de se dedicar a estudos que problematizem os diferentes discursos que estão em jogo para manter mulheres sob a dominação dos valores masculinos. Dos contos de fada aos valores religiosos, passando pelos discursos midiáticos, é perceptível que o desafio desta pesquisa não acaba quando concluímos qual das personagens estudadas assenhorou-se de si. Afinal, Dilma Rousseff e Nazaré Tedesco, em comparação à Maria do Carmo, romperam com mais amarras, mas as lutas pelas conquistas femininas não são, muitas vezes, apoiadas pelas próprias mulheres. Além disso, são fortes as marcas deixadas pela jurista e pela deputada do PSD de que o assenhorar-se de si não é tarefa fácil e vem acompanhada de contradições.

Dessa forma, ao constatarmos a construção cultural discursiva que permeia nossa sociedade, percebemos a importância de que os espaços sejam ocupados por discursos de resistência, pela politização dos textos da TV, da vida, para evidenciar a força da opressão e sua conseqüente violência acompanhada de diversas formas de mortes. Por fim, é notória a necessidade de politização das artes e das letras, especificamente, como artifícios para que seja possível que grupos minoritários alcancem direitos e vivam com mais dignidade.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão europeia, 1970.

BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIN, L.; ARGOLO, F. (Org.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018.

- BRITTOS, Valério. C.; BOLAÑO, César. R. S. Apresentação. In: _____. (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CALZA, Rose. **O que é telenovela**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- GOMES, Nilma Lino. Golpe disfarçado de *impeachment*: uma articulação escusa contra as mulheres. In: RUBIN, L.; ARGOLO, F. (Org.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2016.
- LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I: Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.
- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- ROCHA, Marlúcia Mendes. Telenovelas Brasileiras e Portuguesas: padrões de audiência e consumo. **Revista Galáxia Online**, n. 31, p. 209-211, 2009. Acesso em: 28 nov. 2017.
- RUBIN, Linda; ARGOLO, Fernanda. Precisamos falar de gênero. In: _____. (Org.). **O golpe na perspectiva de gênero**. Salvador: Edufba, 2018.
- SANTOS, Suzy dos; CAPARELLI, Sérgio. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito. In: BRITTOS, Valério. C.; BOLAÑO, César. R. S. (Org.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.
- VALCÁRCEL, Amelia. **La política de las mujeres**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2012.

Submetido em: 11 mar. 2020

Aprovado em: 07 maio 2020